

MEIO AMBIENTE

# A luta de um seringueiro incansável

O seringueiro Manoel Bárcio Neto, de 65 anos, é uma espécie de Dom Quixote da Amazônia. Sozinho, ele pretende mover céus e terra contra a devastação da floresta. A última aventura deste homem que percorreu o rio Araguaia de Goiás ao Pará dentro de uma pequena canoa foi uma viagem de Belém a Brasília sobre um triciclo.

O homem levou 57 dias para vencer o percurso de 2.120 quilômetros que separam a capital do Pará do Distrito Federal. Aqui, Bárcio pretende conseguir no Ministério do Meio Ambiente R\$ 1,6 milhão de reais para tocar um projeto de exploração sustentável da floresta na região do Alto Solimões. O viajante quer ajudar a comunidade do município de Jataí, de 13 mil habitantes — onde chega-se de barco quatro dias depois de zarpar de Manaus, cidade em que mora — a combinar agricultura de subsistência com projetos de pesca e a criação de pequenos animais, tipo cabras e porcos.

Bárcio se angustia com o desaparecimento das matas que formam a Amazônia. "Tive muita dor ao conhecer de perto a realidade catastrófica de nossos recursos naturais. No Pará, pude constatar, além de grandes queimadas, excessivo extrativismo de madeira, tanto para serrarias quanto para fornos de carvão, sem existir nenhum reflorestamento para a biodiversidade", escreveu ele, que é técnico agrícola, em carta endereçada ao ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, um dia depois de chegar a Brasília.

## ASSÉDIO

Os olhos e o coração de Bárcio captaram o que já diziam os números e as imagens de satélite: o assédio de madeireiros sobre a Amazônia é preocupante. A perda de biodiversidade é incalculável. Há 20 anos, a Amazônia fornecia 14% da madeira comercializada no país. Agora, de cada quatro toras consumidas, três são de lá. Só o

Pará fornece 65% de toda a madeira utilizada no Brasil.

Nos últimos anos, os perigos se agravaram com a chegada dos famosos madeireiros asiáticos: grandes empresários que vieram da Malásia, Indonésia e de outros lugares direto para a Amazônia depois que as reservas florestais em seus países se esgotaram.

O ecologista Camilo Viana, presidente da Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia (Sopren), de Belém, tem sempre uma tempestade de críticas à ocupação da Amazônia.

"A exploração da madeira causa pobreza, ressecamento de igarapés, empobrecimento da biodiversidade, corrupção. Está se promovendo na Amazônia a devastação total não só do meio ambiente mas também do homem da região. Os madeireiros estão fazendo um festival predatório, com um verdadeiro assalto à biodiversidade. É a casa da mãe joana (lugar de nin-

guém). A extração de madeira é pirataria pura, sem nenhum controle", protesta.

Embora tenha nascido no Brasil, Manoel Bárcio tem sotaque hispânico. Ele estudou no Peru até o 2º Grau e fez o curso de técnico agrícola na Colômbia. Aos 17 anos, virou seringueiro. É casado e tem cinco filhos.

Aqui, ele encontrou apoio do pessoal do Núcleo de Estudos da Amazônia, da Universidade de Brasília (UnB), onde montou seu quartel-general. Foi lá que o projeto de agropecuária para Jataí ganhou forma, e é o núcleo que deve administrar o dinheiro — caso o ministério libere — para implementar as ações.

No trajeto de Belém a Brasília, Bárcio mais caminhou do que pedalou seu triciclo, carregado com mais de 80kg de tralhas, entre elas 30kg de sementes de árvores típicas da Amazônia, como jatobá, sucupira, ipê, mogno e outras, cada vez mais raras. Alguns quilos de sementes foram deixados no caminho.

Uma parte, plantada pelo próprio viajante, cuja bagagem incluía também uma enxada. Outra parte, doada a famílias moradoras na beira da estrada, para que "plantassem e ajudassem na preservação de nossa biodiversidade", diz. "Fiquei impressionado. Todas as pessoas têm consciência de que é preciso preservar a natureza", conta.

Evangélico, Bárcio diz ter contado também com a ajuda de Deus. Ao longo dos 57 dias de viagem, choveu uma única vez. "Não precisei fazer fogo para cozinhar nem dormir ao relento. Sempre que precisava, aparecia uma casa, uma fazenda, um posto de gasolina, e todo mundo me acolhia bem", orgulha-se.